

AS DIMENSÕES DA EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE SØREN KIERKEGARD E ALBERT CAMUS

THE DIMENSIONS OF EXISTENCE IN THE THOUGHT OF SØREN KIERKEGARD AND ALBERT CAMUS

Tales Macêdo da Silva*
Alberto Luiz Silva de Oliveira**

RESUMO

Considerando as dimensões sobre a existência que se apresentam na história da filosofia, este artigo tem por objetivo compreender o que os filósofos Søren Kierkegaard e Albert Camus desenvolveram sobre as concepções do existir, perpassando pelos temas dos estádios existenciais, em Kierkegaard, e a noção do absurdo, em Camus. Para tanto, torna-se interessante dialogar com algumas obras desses autores, explicitamente *O conceito de angústia*, *O desespero humano* e *O mito de Sísifo*, para assim perceber que há ecos kierkegaardianos no pensamento filosófico de Camus. Desse modo, observa-se que há semelhanças nas distinções entre a concepção de existência ou condição humana desses pensadores, isto é, há uma certa influência de Kierkegaard, porém com um certo jogo de crítica ao pensador dinamarquês. Assim, é pertinente concluir que há uma possível leitura feita pelo filósofo argelino Albert Camus aos escritos do dinamarquês Søren Kierkegaard tanto para arcar ou criticar o pensamento deste.

PALAVRAS-CHAVES: absurdo; angústia; revolta; desespero.

ABSTRACT

Considering the dimensions of existence that appear in the history of philosophy, this article aims to understand what the philosophers Søren Kierkegaard and Albert Camus developed about the conceptions of existing, going through the themes of existential stadiums, in Kierkegaard, and the notion of absurd in Camus. For that, it becomes interesting to dialogue with some works of these authors, explicitly *The concept of anguish*, *The human despair* and *The myth of Sisyphus*, to realize that there are Kierkegaardian echoes in Camus' philosophical thought. Thus, it is observed that there are similarities in the dissimilarities between the conception of human existence or condition of these thinkers, that is, there is a certain influence of Kierkegaard, but with a certain amount of criticism to the Danish thinker. Thus, it allows to conclude that there is a possible reading made by the Algerian philosopher, Albert Camus, to the writings of the Dane, Søren Kierkegaard, either to argue or criticize his thought.

KEYWORDS: absurd; anguish; revolt; despair.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: talesmacedo19@outlook.com.

** Mestrando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: albertoluiz968@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A filosofia se constituiu na história do Ocidente com o intuito de refletir sobre as grandes questões da natureza (*physis*) buscando o seu fundamento original e a condição e o lugar do ser humano na natureza. É um dos principais objetos desta discussão, senão o mais importante. Desde a filosofia socrática se percebe que a compreensão sobre o indivíduo começou a ter um valor na trajetória filosófica. Porém, em meados do século XIX e XX, a existência começou a ser pensada a partir de algumas de suas dimensões que foram aos poucos concretizando a Filosofia da Existência e futuramente a corrente do existencialismo, no qual o seu maior representante é o filósofo Jean-Paul Sartre. Nesse ínterim surgiram, também, outros filósofos que discutiram sobre as possibilidades da existência, porém não se caracterizaram como existencialistas; uns desses filósofos são Søren Aabye Kierkegaard, um dinamarquês, e o Albert Camus, um argelino. Esses pensadores tiveram e têm a sua importância dentro da discussão filosófica sobre a existência, abordando temas como angústia, desespero, absurdo, revolta, entre outros.

Diante desses temas tornaria de grande valia uma relação entre esses pensadores, haja vista que o pensador argelino, na sua obra *O mito de Sísifo*, cita o pensador dinamarquês recorrentemente. Dessa forma, percebe-se que as dimensões da existência de ambos os filósofos têm alguma relação, quer seja dessemelhante, que seja semelhante. Com base nessa relação pensou-se em desenvolver um artigo a partir das suas percepções sobre a existência.

Por isso o presente artigo teve como objetivo destrinchar as inquietações do pensamento a respeito do indivíduo existente. Assim, por primeiro, será abordado o pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, compreendendo qual é o intuito dos modos ou estádios da existência para o indivíduo. Em outras palavras, como o pensador da existência pensou no desenvolvimento dos estádios estético, ético e religioso para direcionar o indivíduo a uma apropriação do seu eu – *tornar-se si mesmo*. E no segundo momento, foi abordada a compreensão do absurdo e da revolta em Alberto Camus, entendendo que estes temas são basilares para o desenvolvimento da compreensão existencial na vida de qualquer que seja o indivíduo. Camus compreende o absurdo como um sentimento que nasce da relação conflituosa entre o desejo humano de pôr o mundo em termos racionais absolutos e o próprio movimento indiferente da realidade. O atrito entre essas dimensões gera no indivíduo uma sensação de exílio, de ruptura. Para o autor argelino, quando o homem se confronta com a morte, com a sua impotência diante do mundo, ele se encontra diante de uma das faces do absurdo. Interessa a

Camus que resposta do homem consciente da sua condição trágica dará a sua vida: *a) manutenção da vida, ou seja, o homem vive e conserva a absurdidade* ou *b) se mata, porque a vida não tem sentido*. Por meio da reflexão filosófica se poderá investigar se a vida pode ser vivida e mantida mesmo diante dessa realidade indiferente, ou o suicídio seria a atitude mais sensata? E para isso o filósofo busca na imagem de Sísifo, “o proletário dos deuses”, para responder essas questões que nascem no encontro do homem e do mundo vazio de propósito.

Por conseguinte, diante das compreensões pensadas desses determinados filósofos, será razoável chegar a uma possível semelhança entre as noções sobre as dimensões da existência, ao ponto que, analisando as semelhanças de pensamentos, foram encontradas, também, algumas dessemelhanças. Chegando, dessa forma, a uma relação de semelhança na dessemelhança entre os filósofos Kierkegaard e Camus.

A PERCEPÇÃO DA EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE SÖREN KIERKEGAARD

O pensamento de Kierkegaard é bem conhecido por interpretar temas que relacionem a existência com a filosofia, dando-lhe, erroneamente, o título de pai do existencialismo¹. Seu desenvolvimento perpassa por categorias da existência como o papel da angústia, do desespero e da fé na existência do indivíduo. Para isso, ele elaborou uma divisão que deu forma a sua compreensão da existência; essa divisão se debruça em estádio estético, estádio ético e estádio religioso. Uma divisão triádica que não se conclui com o estádio religioso, mas que os três estão interligados, isto é, a relação dos estádios existenciais kierkegaardianos é cíclica.

Kierkegaard formulou na sua filosofia sobre a existência três estádios existenciais ou modos existências ou ainda, na interpretação de Ricardo Gouvêia, estações existenciais: estético, ético e religioso. Assim, percebe-se um esquema dialeticamente existencial, que busca, no concreto da existência individual, identificar os caminhos do Indivíduo em seu modo de existir. Dessa forma, a filosofia dos estádios elucida uma compreensão do particular sem pretensões universais, particular este que diz respeito ao modo de vida subjetivo de cada Indivíduo. A partir disso, busca-se uma aproximação mais profunda de cada modo existencial, mostrando como Kierkegaard visa a prevalência do Indivíduo em sua singularidade.

¹ Muitos historiadores da filosofia afirmam que Kierkegaard é o pai do existencialismo, porém há várias contradições sobre essa afirmação. Uma delas é que o próprio Kierkegaard afirmou que todos os “ismos” que há na história da filosofia querem apenas e somente determinar o sujeito. Porém, não estenderemos nesse assunto por não ser o objetivo de nosso artigo.

O primeiro estágio kierkegaardiano é o estágio estético, a busca do prazer imediato. Na última parte da obra *Ou...Ou...*, de 1843, intitulada como o “Diário de um sedutor”, o estágio estético é caracterizado por Kierkegaard por meio do personagem sedutor Johannes, que procura conquistar o amor da jovem Cordélia. A busca pelo prazer é o seu maior objetivo, e sem este ele não existe. Sua vida está inteiramente inclinada à atitude de ser alguém voltado ao prazer, como a razão maior do seu existir. O dinamarquês, por meio da voz do Sedutor, apresenta o estético como um caminho poético e de sedução.

Usando outras figuras lendárias como o Don Juan de Mozart, Fausto, o Cético, e Ahasverus, o judeu errante, o filósofo dinamarquês trabalha de maneira ilustrativa o modo estético. Esses três personagens incorporam, dentro de sua obra, uma significação do estético como sensualidade, dúvida e desespero, que também são interpretados como subestações estéticas. O esteta consiste em uma vida excêntrica, que desconsidera a importância do “eu” em sua constituição singular, pois o que julga como valor são as variedades, a busca por caminhos desconexos, sem um ideal permanente de vida.

O estágio estético é um caminho de atitudes imediatas, que enlaçam o Indivíduo e o fazem fugir de sua interioridade. No entanto, ele também traz em si uma reflexão, ainda que seja voltada ao exterior e limitada no sentido subjetivo, apesar de se desenvolver numa intelectualidade sem nenhum compromisso com a construção do eu. Dessa forma, o esteta em Kierkegaard procura viver do agora, das paixões imediatas, de emoções e fantasias, desejos, busca nos sentimentos e na intelectualidade prazerosa a todo custo, mas nunca se satisfaz; limita-se ao campo da possibilidade, fugindo do poder da realização.

É compreendendo esse modo da existência do pensamento kierkegaardiano que se pode perceber a atitude do esteta perante as suas possibilidades, possibilidades essas que são direcionadas às paixões, emoções, desejos, etc. Todas essas possibilidades têm como ponto crucial na vida do indivíduo-esteta, a angústia.

Essa angústia não se dá apenas na relação entre o indivíduo esteta e as coisas, o mundo, a cotidianidade, mas dele consigo mesmo. O indivíduo se percebe como pura possibilidade de escolha e, assim, quando ele se entende como uma gama de possibilidade, sendo obrigado a tomar uma decisão, exercendo assim, sua função no reino da liberdade e da possibilidade, cai na angústia e no vazio, pois não poderia ser diferente uma vez que ele só entende a existência como um acaso, movida apenas pelos impulsos da sensibilidade.

Com a alma ferida de angústia por resistir às diversas possibilidades de escolha que se lhes apresentam, o esteta se vê obrigado a fazer uma escolha ou cair no desespero, tendo que

renunciar a qualquer espécie de prazer, para optar por uma única escolha. Como só o momento presente lhe interessa, frente à condição de escolha, ele cai no desespero numa tentativa por alcançar a relação que o 'eu' possui com ele mesmo, ou seja, a tentativa do desesperado em querer a morte do 'eu' que não pode morrer.

Já no estágio ético, segundo estágio kierkegaardiano, o Indivíduo direciona-se à aceitação do universal. Suas escolhas são feitas mediante uma reflexão, ou seja, ele não escolhe por escolher, na atitude de sua escolha antecede um objetivo, um querer construir-se a si mesmo na busca do equilíbrio pessoal. Ele busca uma harmonia entre o seu interior e o mundo externo dentro da formalidade, de modo que haja uma conciliação de sua existência moral com sua existência social e vice-versa. “O ético é aquele que reconhece o aspecto transitório e evanescente do real. Como nada sólido pode se erguer sobre ele, refugia-se em sua interioridade, no qual, reconhece valores morais e eternos sobre os quais é possível construir sua personalidade.” (LE BLANC, 2003, p. 63). Contrapondo à existência estética, o caminho ético opta por uma existência a ser trilhada dentro de parâmetros estabelecidos, mas de forma consciente, decidida e apaixonada.

Para Kierkegaard, a escolha ética é um fazer apaixonado do indivíduo, no qual aprendeu a conceber a existência como movimento, como possibilidade de avançar, ir adiante, seguir com vontade no caminho que se lhe apresenta como um possível novo modo de viver. Existir é agir diante da possibilidade, ao contrário do pensamento especulativo, que não leva o indivíduo a mergulhar existencialmente na sua interioridade e descobrir as potências de sua vida interior.

A especulação que não parte de uma inserção no caminho existencial, entretanto, que se mantém apenas à base de conceitos e teorias, não pode dizer a existência concreta, pois não são os conceitos que determinam as ações de um indivíduo qualquer, mas são suas escolhas que as dizem.

A situação ética do autor o coloca à frente de outro compromisso de vida; o que seria um compromisso social no cumprimento do dever conjugal se transformou num dever ético-religioso, com ênfase na opção religiosa. Contudo, dada a importância do compromisso matrimonial, pode-se afirmar que o casamento é uma escolha ética por excelência, pois diz respeito a uma atitude que abrange a vida do indivíduo integralmente.

Ao casar-se, aquele que vive eticamente realiza o geral. Eis aqui porque não odiará o concreto, pois possui uma expressão a mais, e mais profunda que toda expressão estética, pois vê no amor uma manifestação do que é comum ao gênero humano. Aquele que vive eticamente tem a si mesmo como tarefa. Seu eu, enquanto imediato, está determinado fortuitamente e a tarefa consiste em coordenar o fortuito com o geral. (SAMPAIO, 2010, p. 73).

O casamento é uma decisão que deve ser valorizada e assumida com reponsabilidade por aqueles que a tomam. Nela, a vivência do amor, da fidelidade e cumplicidade entre os cônjuges que, de livre e espontânea vontade se predispõem a compartilhar o que têm e o que são, deve nortear a existência. Segundo Kierkegaard (2010, p. 93): “O casamento será sempre uma instituição respeitável, apesar do enfado de desfrutar, logo nos primeiros dias da juventude, uma parte da respeitabilidade que é apanágio da velhice.”

Dessa forma, o estágio ético não exclui o estético, mas lhe impõe limites e organização. O estético passa a ser visto a partir de uma nova interpretação. Contudo, ele não deixa de fazer parte do indivíduo ainda que dentro de uma perspectiva diferente, ou seja, o indivíduo ético não pode apagar de sua existência a experiência estética. Nesse processo de mudança, o salto a um novo caminho vem trazer uma visão diferenciada do passado, o que o faz se abrir as possíveis experiências que não poderiam ser vivenciadas no estágio anterior.

Com esse salto, do estético para o ético, que o Indivíduo realiza no seu processo existencial, a angústia salta com o existente, pois, agora vivenciando esse estágio, o Indivíduo ainda vai vivenciar muito forte a sua angústia, porque ele não se apropriou de si mesmo. Dessa forma, encontra-se a possibilidade angustiante de ser pautado pelas leis universais. O indivíduo, nesse estágio, vive à deriva da realização externa e não interior. No exemplo explicitado pelo dinamarquês, acredita-se que se deve casar, pois esse é o caminho eticamente correto na sociedade. Isto é, o Indivíduo está diante de outras possibilidades que provocam mais e mais angústia.

“O estágio ético aprofunda a consciência do conflito real entre o universal, ou seja, aquilo que se exige de todos sem exceção e a interioridade da subjetividade em preparação para o estágio religioso.” (GILES, 1989, p. 10). A condição para o salto ao estágio religioso está na necessidade de reconhecer as falhas praticadas; voltando-se a si, manifestar o desejo de correção, o que seria o arrependimento, vontade superior ao desejo de escolha. Essa vontade se coloca como último momento da vida ética e manifesta-se no sofrimento pelas faltas cometidas.

E assim, finalizando, trato a compreensão kierkegaardiana sobre o estágio religioso. É certo entender que a filosofia kierkegaardiana converge-se para um fim religioso, em uma perspectiva cristã.

No estágio religioso o homem caminha em busca do Absoluto, almejando alcançar uma existência singular. Assim, o Indivíduo que realizou o salto ao estágio religioso torna-se capaz de ponderar o que viveu em outros estágios, sabendo tirar proveito naquilo que há de melhor

em cada etapa, harmonizando-se com o que é essencial e, dessa forma, não se eliminam as experiências passadas, mas se dá um novo sentido, a fim de concretizar a nova escolha.

Somente o estádio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação. Dissipando-se então as miragens do gozo, a prisão da lei abre suas grades em proveito da gratuidade do amor e a pessoa realiza em plenitude a aliança entre o tempo e a eternidade. (FARAGO, 2006, p. 126).

Essa filosofia voltada radicalmente ao indivíduo que nasce do cristianismo levanta um problema bem peculiar, que se arrasta por séculos: fé e razão. São duas vias desencontradas a caminhar cada uma de um lado sem conciliação entre ambas, aqui entendidas como a filosofia e o cristianismo. A filosofia, em geral, é puramente conceito, enquanto a experiência de Deus não pode ser conceituada. O homem religioso de Kierkegaard não carece de explicação lógica diante do absurdo que é o lançar-se na fé, ele apenas se lança.

A existência de Kierkegaard, motivada por uma reflexão de vida fundamentada na religiosidade, busca compreender que a escola na qual subjaz o conhecimento é a experiência da existência. Por isso, todas as pretensões de conhecimento, principalmente a respeito da fé e de Deus, não podem ser colocadas em uma única dimensão, não podem ser ensinadas por meio de teorias, pois o conhecimento só é autêntico na subjetividade e, nesse sentido, os dados da fé não podem ser desconsiderados.

O filósofo percebeu que a verdade das coisas, principalmente da existência, não estava nos altos discursos filosóficos nem na religiosidade medíocre; porém, era preciso romper com o passado e arriscar um caminho novo.

A religião, segundo o filósofo, não passava de uma estrutura morta, um grupo de pessoas acomodadas e presas à doutrina e ritos que não transmitiam a novidade de Cristo. Imbuídos pela modernidade e pelo superficialismo preferiam viver numa mentalidade triunfal incoerente com a mensagem evangélica e assim acreditavam ser cristãos, quando na verdade eram seres humanos caminhando friamente dentro de um conservadorismo sem vida interior, sem paixão, sem fé. Faltava “um” questionar, uma provocação àquela situação de acomodação que não produzia outro efeito, a não ser deixar as pessoas cada vez mais iludidas. Se por um lado o discurso religioso estava falho e muito distante do que deveria ser, de outro, a propagação de abstrações como verdades acerca do homem, de Deus e do universo tentavam predominantemente manter-se no pensamento filosófico.

Para Kierkegaard, a experiência da fé cristã não cabe na compreensão da racionalidade. Portanto, não se pode dizer ou enquadrá-la em categorias filosóficas. Se o Indivíduo não pode ser compreendido universalmente, muito menos a fé que se desenvolve por meio de sua experiência subjetiva. O cristianismo não pode ser transformado num sistema conceitual. Sendo assim, a verdade, que não pode ser demonstrada, é subjetiva.

Na vivência cristã a forma mais eficaz de expressar a fé se dá na relação, o encontro do eu com Deus, o que constitui o cristianismo como escândalo para a racionalidade, pois na fé a compreensão de Deus como Absoluto na existência é paradoxal. O Eterno que se fez temporal, assumindo a humanidade em si, com todas as suas qualidades individuais: mistério que só pode ser contemplado na vivência da fé.

A principal característica da existência religiosa é o “estar perante Deus”. O indivíduo só, em uma relação particular com Deus por meio da fé. É somente quando o eu, como coisa particular e precisa, tem consciência de estar perante Deus, é só então, que ele é um eu infinito. Para Kierkegaard, a relação entre o Indivíduo e Deus se realiza no instante eterno, no qual o homem se decide pela fé. (SAMPAIO, 2010, p. 81).

Para Kierkegaard, no salto para o estágio religioso encontra-se a possibilidade de dar um sentido último ao existir. Nesse caminho, o filósofo faz a experiência do absurdo, ou seja, escolhe viver pela fé, caminho que desafia a racionalidade e põe limite à Filosofia e toda sua investigação.

Nesse estágio se encontra também a angústia, mesmo que, nesse modo, o Indivíduo guiar a sua existência em um contato com o Absoluto, ele ainda se encontra intrinsecamente com a angústia, pois essa angústia direciona o existente ao aprofundamento do seu próprio eu, e é nesse processo que o Indivíduo se apropriará dele mesmo.

Partindo dessa compreensão, entre os estágios da existência há certa relação, pois se tratando de dimensões da existência, o indivíduo enquanto existente não pode apagar de si as experiências que já fez, mas pode transformá-las ou compreendê-las de outra forma. Assim, nota-se que a relação entre esses modos de vida contribui na construção do Indivíduo em sua busca, com a angústia, por uma existência singular.

A PERCEPÇÃO DA EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE ALBERT CAMUS

Os diálogos acerca da existência humana, ou das categorias que apontam para alguns fenômenos existências da humanidade como por exemplo angústia, valor e sentido da vida não

são uma novidade para o pensamento filosófico e não deveria ser diferente, afinal, a filosofia nasce da própria inquietação do indivíduo singular, isto é, ela é em sua essência humanista. Essa inquietação singular do homem em busca de seu lugar, ou de sua significação, chega ao século XX e, conseqüentemente, às obras de Albert Camus.

Refletir sobre as dimensões da existência para o autor franco-argelino é se deparar com problemas sensíveis e urgentes que cobram dos filósofos clareza nos termos e honestidade para com a própria natureza do problema que, em um primeiro momento, pode ser encarada pela sensibilidade subjetiva, mas perscruta todos os indivíduos, dada a sua condição em comum. Tal disposição reflexiva engendra-se em um movimento racional de levar o pensamento ao limite dos conflitos que habitam os terrenos da existência, lugares ditos ermos² e desérticos (CAMUS, 2018, p. 23) e extrair dos limites da ponderação as imagens que se colocam à resolução dos equívocos que potencializam as inquietações existenciais do ser humano.

Como foi salientado, Albert Camus não foi o primeiro autor a se debruçar sobre essas demandas e encarar as inúmeras contradições e querelas ali presentes. No princípio de seu ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, Camus, na identificação do seu objeto e problema, aponta que questões relacionadas à existência humana já foram encontradas nas obras de outros tantos autores, entretanto essas questões não foram esgotadas.

As páginas que se seguem tratam de uma sensibilidade absurda que podemos encontrar esparsa no século – e não de uma filosofia absurda que o nosso tempo, para dizer com propriedade, não conheceu. É então de uma honestidade elementar enfatizar, logo de início, o que elas devem a certos espíritos contemporâneos (CAMUS, 2018, p. 15).

A partir desse diálogo disposto por Camus com seus contemporâneos e também com uma já estabelecida tradição do pensamento filosófico é que se percebe a originalidade dada aos termos do problema. Por meio de uma perspectiva interdisciplinar, o ensaísta argelino apresenta suas colocações evitando que o argumento caia em certos vícios do pensamento, reducionismos ou saltos metafísicos que mais embaralham os termos do problema do que apresentam uma clareza sobre essas inquietações.

Pensar a existência humana na obra de Camus é também compreender em um primeiro momento o lugar onde “o cogito” camusiano parte para sua aventura. Diferente de outras correntes do pensamento, Camus localiza o sujeito ligado diretamente ao empírico. Ou seja, em

² De acordo com o Dicionário Online de Português, *ermos* é o mesmo que: abandonados, desabitados, desertos, despovoados, elmos, inabitados, inóspitos, solitários, sozinhos. (ERMOS, c2009-2021).

uma dimensão concreta, por uma obviedade já dada pela tradição ocidental se entende que o sujeito de ação é o indivíduo da práxis, ou melhor, é o homem em contato com o mundo concreto que se expressa no mundo da vida cotidiana. As inquietações da existência humana estão postas nos termos do atrito entre o “eu” e o mundo material. Nessa medida as teorias e ilações puramente metafísicas perdem o protagonismo na inquietação filosófica, pois o núcleo do problema primordial do pensamento filosófico camusiano seria o suicídio. Sobre essa perspectiva, dirá Jürgen Hengelbrock (2006, p. 23):

Para Camus, a interrogação filosófica só tem valor se der significado ao sentimento espontâneo e elementar da vida. A doutrina de Kant é um jogo teórico das categorias. As suas reflexões não fazem progredir esta simples pergunta: a vida vale a pena? Este tipo de discurso só se põe quando não há preocupações, quando não se sofre. É um jogo “do espírito indiferente”.

Ao localizar o humano em uma dimensão puramente material, Camus estabelece também certos limites que servem para preservar a clareza de certos argumentos metafísicos que tentam muitas vezes a custo da própria autonomia do indivíduo dispersar a existência humana em outros paraísos metafísicos, ou mundos idealizados que se furtam da miséria humana pela promessa do “amanhã”. A dor e a miséria humana para o autor argelino não deve ser disfarçada ou dispersada por tamanha desonestidade. O ser humano deve buscar clareza e honestidade para superar a própria miséria e as enormes contradições que surgem conforme o mundo se estabelece na existência. “Compreendo então por que as doutrinas que me explicam tudo ao mesmo tempo me enfraquecem. Elas me livram do peso da minha própria vida, e, no entanto, preciso carregá-lo sozinho.” (CAMUS, 2018, p. 69). Deve ser descartada qualquer abstração que furte do indivíduo a autonomia do enfrentamento de sua condição absurda por não ser honesta ao problema do aqui e agora.

Dado esse entendimento prévio do local conflituoso em que a existência humana vai se desdobrar, Camus apresenta sua sensibilidade apoiada sobre os ombros de uma tradição vitalista e moralista. A existência humana é atravessada pelo absurdo e pela revolta. O absurdo é uma sensibilidade que ricamente será discutida nas obras que compõem o que conhecemos como o tríptico do absurdo³. Já a revolta nasce no coração como uma resposta direta a certas forças que eclodem na alma humana pela dureza e pela indiferença do universo relacional no qual a existência humana se expressa. É importante salientar que o absurdo atravessa a existência humana, pois ele não reside como um ente fora do homem, e nem muito menos como uma

³ *O estrangeiro* (1941), *O mito de Sísifo* (1942) e *Calígula* (1947).

energia, ou potência, ou categoria da natureza humana (CAMUS, 2018, p. 45). O absurdo, se podemos utilizar tal metáfora, “são as faíscas” do atrito entre a realidade indiferente do mundo material e a obstinação do homem em ordená-lo e reduzi-lo a esquemas racionais, leis que determinem aquilo que por muito a tradição filosófica nomeou como conhecer a coisa em si (CAMUS, 2018, p. 32). Ainda sobre esse entendimento conflituoso entre o indivíduo racional, o mundo indiferente e as tentativas do ser humano em reduzir a realidade a uma categoria familiar da sua existência, pondera Hengelbrock (2006, p. 50):

Considerando a argumentação de Camus, chega-se à seguinte conclusão: a verdade não é uma unidade fechada. Quando o espírito tenta concebê-la como tal, contradiz-se. Existem muitas afirmações verdadeiras e falsas. O ideal da razão, a verdade única, não existe. É este mesmo aspirar a uma verdade impossível que constitui a estrutura absurda da razão.

Intuída a escala cósmica da realidade e suas leis, a razão não pode estabelecer a real forma ou sentido do mundo. O que podemos capturar por meio das fórmulas matemáticas, da experiência sensível é uma fração do que desconhecemos dada a dimensão ocultada pelas nossas limitações cognitivas e tecnológicas. O que sobra ao homem cotidiano, dirá Camus, é preencher o mundo de símbolos e signos para que esse mundo indiferente possa parecer familiar aos nossos olhos. Se refletimos que a existência torna-se absurda, ela assim é, justamente pelo conflito entre nosso desejo natural de ordem e de significado e o devir indiferente do cosmo. O absurdo atravessa a existência humana, nesse atrito entre o desejo de ordem e a impossibilidade de ordenação, e a afeta, pois leva a razão aos terrenos ermos e desérticos onde os argumentos racionais têm pouco poder, onde a angústia se desvela pela nossa natureza impotente diante da ferocidade do movimento caótico do mundo.

A hostilidade primitiva do mundo, através dos milênios, remonta até nós. Por um segundo não entendemos mais, porque durante séculos só entendemos nele as figuras e desenhos que lhe fornecíamos previamente, porque agora já nos falta força para usar esse artifício. O mundo nos escapa porque volta ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós. [...] Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo. (CAMUS, 2018, p. 29).

Esses lugares em que o intelecto humano é arrebatado pela sensibilidade absurda é o terreno onde a reflexão filosófica deve se deter. Camus explora toda a dimensão trágica da existência humana sem se furtar dos limites das suas contradições, como outros autores fizeram. Nesse primeiro momento, ele está dedicado a encarar esse divórcio, essa ruptura entre o ator e

seu cenário. Entre a dor humana e o sentido da vida, quando todos os cenários que erguemos nos palcos da existência são demolidos pelo solavanco indiferente do mundo. E está obsessão pelo enfrentamento dessas contradições, dessas fragilidades do espírito humano são indispensáveis para o autor, pois ele reconhece que justamente reside nesses momentos limítrofes da singularidade no qual os imperativos categóricos, o espírito absoluto, a revolução histórica pouco valha. É sob essas circunstâncias que surge o “porquê”, podendo levar o homem ao suicídio, ou à revolta. Afirma Camus (2018, p. 28):

Um belo dia surge o “porquê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isso é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento.

O absurdo, como fenômeno relacional, direciona o espírito ao limite da razão desafiando o idealismo, porém mesmo nesta situação-limite o absurdo não inibe a liberdade. “Ora, se o absurdo aniquila todas as minhas possibilidades de liberdade eterna, também me devolve e exalta, pelo contrário, minha liberdade de ação.” (CAMUS, 2018, p. 70). É justamente frente ao absurdo que o homem tem a capacidade de optar pela vida sem apelações, ou fugas ou a ilusão de uma esperança momentânea. Camus compreende esse instante-limite em que o existente, entre a angústia e o significado da vida, pode extrair coragem para a manutenção da vida e a manutenção do próprio conflito do mundo, agora, consciente dele e de suas afetações. Como afirma o ensaísta Calor Eduardo Guimarães (1971, p. 31-32):

A revelação da morte tem algo de violento e nos transforma. Chega um dia que nos damos conta de que o homem morre e de que morreremos. Uma vez atingida esta verdade, seremos para sempre sua presa. É pela morte que nossa sensibilidade chega ao absurdo. Só depois de termos sido atingidos de perto, a grande verdade terá significação e não mais se deixará levar ao desprezo. Ela é o nosso acesso à sensibilidade absurda. [...] Sabe Camus que nenhum dos termos pode ser abandonado sem perdermos a realidade. O destino humano processa-se na oposição e exige coragem. “A grande coragem é de permanecer de olhos abertos tanto sobre a luz quanto sobre a morte”.

Nessa dimensão trágica o pensamento vitalista desponta, pois a coragem do homem diante do absurdo rejeita a morte e afirma o sensível. O personagem que melhor representa essa revolta da carne contra a morte é o Sísifo e seu labor mítico. A percepção da completude de sua tragédia permite que o “proletário dos deuses” mova a rocha ao cume do monte e no momento

que ele desce novamente ao seu encontro se consuma todo seu desprezo à ordem dos deuses (CAMUS, 2018, p. 139). O labor de uma vida desprovida de sentido deve ser suficiente para sustentar um viver puramente vitalista sem jogos, ou distrações metafísicas. O homem consciente do absurdo é o homem que encara a rocha, e os sentidos devem extrair das dimensões do mundo a felicidade de seu labor. Essa sensibilidade absurda é o ponto de partida para uma liberdade sem ilusões ou fugas para o metafísico.

O homem que tem consciência do absurdo e toma a direção afirmativa de enfrentá-lo está em constante revolta contra o morrer e fazer morrer. Em um segundo momento de sua obra, Camus estende a dimensão existencial, que antes residia no subjetivo, na sensibilidade singular para um compromisso revoltado de não entregar a vida nos braços da morte. O homem que toma consciência de sua condição absurda é o homem que deve lutar pela vida, pois a morte simboliza o término do conflito e da experiência sensível dos prazeres. Resta à revolta denunciar o niilismo como combustível eficiente no esvaziamento do valor da vida, tornando-a um mero capricho e afirmar a vida humana como valor absoluto. Como defende Guimarães:

A revolta é a suprema afirmação do homem. Afirmar o homem é afirmá-lo contra o que mata. A revolta dá sentido. Revoltar-se é querer se dar um sentido. O sentido será legitimado pelo querer. “Continuo a acreditar que este mundo não tem um sentido superior. Mas sei que alguma coisa nele tem sentido, o homem, porque é o único que exige tê-lo”. (GUIMARÃES, 1971, p. 64).

Encarar a percepção de Camus sobre a existência humana requer uma disposição por parte do leitor a enfrentar as questões áridas da existência e não se esquivar dela por meio de outros subterfúgios. Seja no campo da sensibilidade absurda, seja no terreno da existência revoltada, o autor nos desafia a enfrentar a contradição sem desejar furtar-nos dela. Abraçar a vida e o destino trágico é um elemento importante para subverter a dor e encontrar prazer nas planícies, enquanto a rocha despenca mais uma vez para seu início fútil, mas repleto de sensibilidade (CAMUS, 2018, p. 139-140).

CONCLUSÃO

Essa reflexão confrontada neste artigo nos leva a considerar alguns elementos filosóficos na reflexão de ambos os autores estudados. Dessa forma, o objetivo dele pretendeu iluminar e provocar a percepção acerca de um pensamento corroborativo e/ou suas possíveis divergências. Pois, como se percebe, há em Kierkegaard uma sensibilidade aguçada sobre as

dimensões da existência. Assim, pode-se considerá-lo como um grande precursor dessa reflexão que irá alguns anos após a sua morte eclodir como um grande fenômeno filosófico e literário em todo o Ocidente, influenciando, dessa forma, grandes futuros filósofos, como Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger, Albert Camus, entre outros.

Os apontamentos que o filósofo dinamarquês expressa em suas obras direcionam a reflexão para a imagem de um homem diante de si e das possibilidades de ser. A angústia no homem se acentua conforme a própria consciência de sua condição de liberdade enquanto possibilidade para a possibilidade (KIERKEGAARD, 2010, p. 45). O homem kierkegaardiano nessa vertigem da liberdade está buscando o tornar-se si mesmo dentro do processo dialético dos estádios existenciais. O estético, o ético e o religioso se concretizam nessa ação livre do indivíduo em busca da singularidade diante do mundo, e de si próprio.

Camus se aproxima de Kierkegaard em sua investigação enquanto reflete sobre a ação do homem com relação a um mundo indiferente e caótico. O pensador argelino reconhece nessa relação do homem/mundo sua absurdidade. Para ele, esse absurdo é um sentimento de ruptura/exílio no qual o indivíduo se encontra diante das possibilidades do mundo, assim, pode ser possível uma relação com o que Kierkegaard entende por angústia, pois ele entende a angústia como uma possibilidade da liberdade e essa possibilidade está inerente ao indivíduo; o absurdo camusiano perpassa pela possibilidade de que o mundo, na sua condição caótica, já faz parte intrinsecamente do indivíduo. Sendo assim, a semelhança entre Kierkegaard e Camus pode ser realizada.

Os diagnósticos existenciais de ambos os autores parecem consonante em sua percepção acerca da angústia e do irracional. Entretanto, as ações do indivíduo diante da angústia e do absurdo também encontram caminhos diferentes em ambos os filósofos. Enquanto Kierkegaard, no seu pensamento, tenta fazer uma constituição de si mesmo, partindo de uma tríplice relação: *relação com eu, com o outro e com o fundamento (divino)*, Camus poderia encontrar nessa relação uma fuga da absurdidade, porque a intermediação relacional com o divino colocaria como uma tentativa de apaziguar o absurdo existencial. É nesse ponto que Camus (2018, p. 52) expressará no capítulo 3 da sua obra *O mito de Sísifo*, afirmando que o pensador dinamarquês “faz do absurdo o critério do outro mundo” direcionando a uma fuga da absurdidade.

Portanto, com base nessas considerações podemos inferir sob quais aspectos o pensamento de Kierkegaard e Camus se aproximam e se distanciam. Essas semelhanças e divergências apontam para como cada pensador percebe a ação livre do indivíduo frente à absurdidade e às categorias existenciais. Se as semelhanças entre os pensadores apontam para

a riqueza do pensamento filosófico, suas dissemelhanças enriquecem ainda mais a reflexão filosófica acerca da existência humana e suas dimensões.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 13. ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ERMOS. *In*: Dicionário Online de Português. c2009-2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ermos/>. Acesso em: 03 nov. 2021.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GILES, Thomas Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**: mundo, absurdo, revolta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HENGELBROCK, Jürgen. **Albert Camus, sentimento espontâneo e crise do pensar**. Tradução de Maria Luisa Guerra, Ivone Kanu. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Ou – Ou**: um fragmento de vida (primeira parte). Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard**: continuidade ou ruptura? 2010. 180 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Carlos. 2010.